

**CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA**  
**Simpósio do Clero**

Fátima, 4 de setembro de 2018

**TEMA**

**“O Padre: ministro e testemunha da alegria do Evangelho”**

***II. A formação dos futuros padres  
e os desafios do nosso tempo.***

**✠ Jorge Carlos Patrón Wong**  
Arcebispo-bispo Emérito de Papantla  
Secretário para os Seminários

## INTRODUÇÃO

Caríssimos irmãos, durante esta primeira parte da manhã, todo o trabalho de reflexão realizado sobre o tema da formação permanente dos sacerdotes tocou substancialmente o tema da identidade sacerdotal do padre, seguindo aquilo que diz o documento “*O Dom da Vocação Presbiteral*”: «*Para se aprofundar a formação integral do candidato, primeiro se deve refletir sobre a identidade do presbítero*» (RFIS, 30).

A reflexão sobre a **identidade do presbítero**, bem como a **análise clara sobre as exigências a serem requeridas do candidato ao sacerdócio** continuam sendo o ponto central do processo formativo.

Vale destacar que apesar da diminuição no número de vocações sacerdotais não é o processo, nem o conteúdo formativo que devem agora se adaptar as condições do candidato, mas continua sendo o candidato quem deve assumir o empenho de corresponder as exigências do processo formativo, segundo aquilo que pede o Magistério da Igreja em sua Tradição.

A *Ratio Fundamentalis* estimula e motiva um atento estudo sobre o **perfil dos jovens vocacionados de hoje**, bem como uma análise realística dos desafios mais marcantes na vida desses jovens que se apresentam para empreender um itinerário vocacional, para que seja possível **desenvolver métodos pedagógicos que ajudem** a alcançar maior eficácia na dinâmica de gradualidade da formação discipular e configurativa ao Cristo, Servo, Sacerdote e Bom Pastor.

**O Magistério da Igreja deixa claro que o ingresso às Ordens Sacras não é um direito reservado a pessoa do vocacionado**, mas um sacramento concedido pela Igreja, uma vez que sejam preenchidos os requisitos canônicos e seja confirmada a idoneidade moral do candidato. A Igreja, pela dignidade a ela reservada, reconhece os sinais de um verdadeiro chamamento de Deus para a vocação sacerdotal e confirmando a obra desejada pelo seu Senhor confere às Ordens Sacras ao candidato que foi apresentado pela comunidade dos fiéis.

Por isso, para que não restem ambiguidades, quero deixar claro que *o ponto central, fixo e invariável enquanto conteúdo e significado do processo de formação sacerdotal é e sempre foi a identidade sacerdotal, em todos os seus valores e exigências típicas, segundo o ensinamento do Evangelho, a Tradição Apostólica e o Magistério da Igreja*. Tal identidade deve ser progressiva e gradualmente plasmada e modelada na vida do candidato às Ordens Sacras.

*É o candidato quem deve render real o esforço e os sacrifícios necessários para deixar-se modelar* (cf. RFIS, 21) “*como o barro nas mãos do oleiro*” (Jr 18,6). Deus que o chamou do seio da Igreja, também o entregou nas mãos da Santa Madre Igreja para ser cuidado, educado, formado e preparado. **Por meio da Igreja, esse mesmo Senhor sempre quis e quer continuar sendo o único e Sumo Construtor de sua casa** (daquela vocação),

afim de que não seja em vão todos os trabalhos e esforços realizados para a sua construção (cf. SI 127; RFIS, 130).

*Seria realmente em vão a construção de uma vida vocacional onde Cristo não se torne o único e perene tesouro*, ou seja, que ao final de muitos anos de formação e de ministério não haja outra coisa que não seja uma desenfreada ambição por si mesmo e por aquilo que se quer, a qualquer preço e sem qualquer escrúpulo, com apenas um delicado verniz de religiosidade para justificar a própria consciência.

**Todos os sacerdotes estão chamados a colaborar com a formação dos novos sacerdotes assumindo para si o compromisso de ajudar aquele candidato ou jovem vocacionado a crescer como pessoa e como homem de fé**, a colocar-se em jogo na vida com o máximo de sinceridade, de autenticidade e de confiança na Igreja e na Providência Divina que lhe seja possível naquele momento de vida, para que ele se levante à altura do Evangelho, e cresça à estatura de Cristo Ressuscitado (cf. RFIS, 129).

Para expressar o nosso papel nessa colaboração, tomo como exemplo bíblico a passagem do Evangelho de Marcos do cego chamado Bartimeu. **Sabendo que Jesus passava, ele começou a clamar por Jesus** e a suplicar sua Misericórdia (cf. Mc 10,46-52). **Apesar da hostilidade das vozes** que o ameaçavam e intimidavam para desistir, **ele decididamente queria chegar até Jesus**. Gritando ainda mais alto, **o Senhor o escutou, parou e pediu que o chamassem**. Observem que **Jesus não foi até Bartimeu**. Era *o cego quem deveria caminhar até Jesus*. **Ao saber que o Senhor o chamava**, imediatamente, **lançou seu manto**, e, encorajado por aquelas pessoas que levaram até ele o anúncio da vontade do Senhor, **Bartimeu deixou-se guiar até a presença de Jesus**. Após ver Jesus face a face *não mais deixou de segui-lo pelo caminho*.

Essa consideração inicial serve para colocar em destaque que *nenhuma razão justifica que a formação sacerdotal seja adaptada a possibilidade da pessoa de seguir o Evangelho na vocação presbiteral*, em outras palavras, **não se deve abaixar as exigências e esforços necessários para a vida sacerdotal ministerial** com o intuito de fazer parecer mais interessante e apetecível para a condição dos candidatos, nem se deve fazer parecer menos sofrida ou dificultosa a vida sacerdotal por medo do candidato não se entusiasmar por ela. **Não mudemos a verdade sobre as exigências e o peso de estar Crucificado com Cristo no ministério sacerdotal**, mas *assumamos com a máxima disposição do nosso coração o compromisso de sermos as vozes que anunciam* que Jesus está chamando à sua presença; que **encorajam** o outro a se levantar; e que o **ajudam** a percorrer o caminho **acompanhando-o** até a presença do Bom Jesus, para depois **caminharmos juntos** no seguimento do Senhor.

Caberia agora começarmos a observar, algumas características sobre a formação inicial dos novos sacerdotes.

## CARACTERÍSTICAS DA FORMAÇÃO INICIAL

O documento “*O Dom da Vocação Presbiteral*” recolhendo as diversas considerações dos documentos precedentes sobre a formação dos novos sacerdotes, integra em um de seus capítulos esse importante tema.

Efetivamente, é no capítulo VI que o documento fala sobre os agentes da formação inicial correlacionando-os a partir de uma perspectiva de **corresponsabilidade eclesial**. A parte a prioridade do Espírito Santo e a necessária referência a comunidade diocesana (RFIS, 25-127), a *Ratio Fundamental* menciona o Bispo (n.128), o presbitério (n.129), os seminaristas (nn.130-131), a equipe de formadores do Seminário (nn.132-139), os professores (nn.140-144), os especialistas (nn.145-147), as famílias, a paróquia e outras realidades eclesiais (nn.148-149), a vida consagrada, os leigos (nn.150-151), e insiste na grande importância que tem um caminho cristão de formação para todos esses agentes.

Assim, o documento convida ao **desenvolvimento e aprofundamento da capacidade atual da Igreja particular** de oferecer uma *formação sacerdotal inicial suficientemente sólida*, seja do ponto de vista do conteúdo, como do ponto de vista participativo dos agentes envolvidos, *capaz de garantir que as novas gerações sacerdotais sejam suficientemente robustas em fé e vigor humano para responderem aos desafios do nosso tempo*. Para isso, é extremamente necessário assegurar três coisas importantes: antes de mais nada, **um consistente testemunho de fé de todos os agentes envolvidos na formação**, depois, **a existência de uma comunidade formativa com um número suficiente de seminaristas e formadores disponíveis para este ofício**, e por fim, **os recursos materiais necessários para uma boa formação escolástica e pastoral**.

«... o *Seminário*, antes de ser um edifício, é **uma comunidade formativa**, onde quer que se encontre. Por isso, os Bispos que, após haver atentamente avaliado as circunstâncias ligadas ao respectivo contexto eclesial, (...), levem em consideração a necessidade dum número de vocações e de formadores suficiente para garantir uma comunidade formativa, um corpo docente capaz de oferecer uma formação intelectual de qualidade, e, claro está, a sustentabilidade econômica da estrutura» (RFIS, 188).

Todos os padres de um presbitério são colaboradores e agentes do processo formativo dos novos sacerdotes como grandes auxiliares daqueles irmãos de presbitério que exercem o ofício como formadores nos Seminários. Os *párocos, confessores, diretores espirituais, orientadores diocesanos*, ..., foram, e são ainda, na vida de muitos jovens vocacionados, **o primeiríssimo farol para indicar o rumo à santidade**, e, ao mesmo tempo, **um dos primeiros testemunhos da vitalidade e força presente no coração daquele que vive o ministério sacerdotal**.

«É desejável que se **promova um acompanhamento feito por irmãos de vida exemplar e zelo pastoral**, que ajudem aos jovens sacerdotes a viver uma **pertença cordial e ativa à vida de todo o presbitério diocesano**» (RFIS, 83).

Como sabemos, o *Seminário não é o primeiro lugar onde um jovem começa a ter suas considerações a respeito da vida ministerial*. Isso já começa dentro da família pelo modo como seus pais e familiares procuram viver, valorizar e reconhecer a vida de oração no seio da comunidade cristã, ou seja, na vida litúrgica e pastoral de sua paróquia. Por isso, a forma como o pároco cuida do rebanho a ele confiado, seu modo de cuidar e amar Nosso Senhor presente na Santa Eucaristia, os seus gestos em relação a piedade do povo de Deus e a forma como venera e ama a Santíssima Madre de Deus *podem abrir as portas e os ouvidos do coração de um jovem* para ouvir e responder ao chamamento de Deus, como também *podem criar grandes resistências para acreditar e desejar a presença de um Deus que é Misericórdia*, ou ainda, em um caso mais extremo *podem levá-lo a se afastar completamente da companhia do Senhor Jesus e a não mais acreditar em sua Igreja*.

Dito isso, parece ser oportuno retomar alguns pontos da *Ratio Fundamentalis* que norteiam ideias e propostas dentro do cenário da formação dos novos padres. Estas ideias, quando relacionadas com o tema do Sínodo dos Bispos de outubro deste ano, “*Os jovens, a Fé e o discernimento vocacional*” podem oferecer algumas luzes muito interessantes para o acompanhamento vocacional dos candidatos ao seminário e dos seminaristas.

### **1. Personalização formativa:**

A *Ratio* abre um grande espaço para que seja pensado este conceito de personalização, muito difuso em nosso tempo, quase sempre relacionado ao mercado de trabalho e de prestação de serviços. Porém, dentro do nosso horizonte, esse conceito quer representar um novo modo de falar sobre o gesto de Jesus em relação aos discípulos: “... e chamou os que Ele quis; e foram com Ele” (Mc 3,13). O Senhor é quem chama, quem conhece o coração dos seus discípulos que foram chamados (Jo 2,23-25; Rm 8,27) e quem sabe distribuir a cada um segundo a justa medida para suas necessidades, a fim de que eles encontrem vida em abundância.

*Quem está chamado a auxiliar na formação inicial de um sacerdote precisa adquirir paulatinamente esta habilidade quase artística de entender a alma humana* em suas necessidades espirituais sem ignorar a pessoa com todas as suas precariedades existenciais que também esperam por suporte e assistência humana.

Por exemplo, um grande número de jovens de hoje, e dentre eles, aqueles que serão vocacionados ao sacerdócio, **trazem consigo marcas profundas** deixadas pela separação de seus pais ou pelos conflitos do relacionamento instável que existe entre eles. Que efeitos isso pode gerar? Não são poucos aqueles jovens que se sentem um peso na vida de outra pessoa, ou que se veem como alguém sem esperança para encontrar um amor sincero, ou que não conseguem tomar decisões de maneira estável por sentirem um medo quase irracional do futuro, ou ainda, que não conseguem se relacionar com viva lealdade porque desde sempre aprenderam a jogar com a outra pessoa para nunca perderem aquilo que querem.

É claro que ao ingressarem em um Seminário esses elementos devam ser considerados e cuidadosamente trabalhados pela formação, entretanto, **o cuidado real com a necessidade desses jovens já deve estar acontecendo desde a vida paroquial**. Afinal, como poderemos ajudar um jovem a conseguir acreditar em um amor sincero da parte do próximo e de Deus (condição essencial para suportar o peso do ministério) sem que antes ele seja encorajado e viva a experiência de perdoar a falta de amor que sofreu?

**Saber olhar para a necessidade que cada um traz consigo e procurar os meios melhores para escutar aquela pessoa e orientá-la outra vez ao Evangelho é o melhor serviço de formação que se possa oferecer, ou seja, um verdadeiro ato de paternidade espiritual.**

Para que essa paternidade espiritual seja eficaz e segundo a Vontade do próprio Deus, é necessário que nós aprendamos, como “ouvintes do outro”, a não supervalorizar nossa própria vontade e reações. Talvez tenhamos nossas críticas a formação do Seminário e opiniões pessoais sobre o que a pessoa deva ou não fazer, porém, se não conseguirmos silenciar o nosso coração para ouvi-la, tão pouco seremos sensíveis a inspiração que Deus queira mover através de nós, e assim, correremos o risco de chamar de “inspiração de Deus” as nossas próprias ideias e opiniões. Sendo assim, **ao mesmo tempo que participamos no processo formativo do outro damos prosseguimento à nossa formação permanente** crescendo no santo escrúpulo de não atrapalhar a Deus para que Ele conclua a obra iniciada por suas mãos, tanto em relação a vida do outro, como em relação a nossa (cf. SI 90).

## **2. Romper com a superficialidade no acompanhamento:**

O grande advento das mídias sociais intensificou o fenômeno da velocidade de comunicação e da expansão das redes de comunicação entre as pessoas. Duas pessoas podem estar em comunicação por longas parcelas de tempo e por veículos de network diferentes ao mesmo tempo trocando conteúdos, informações e até mesmo falando sobre si. Elas podem cruzar informações entre si, como também, podem articular a participação e interação dinâmica de outros em todos os momentos deste mesmo “espaço comunicativo”. E para que tudo isso aconteça não se exige a presença física de ninguém, nem a proximidade real do outro, e tão pouco é necessário que o outro se ocupe exclusivamente daquela ação comunicativa que está fazendo, isto é, ao mesmo tempo que se comunica a pessoa pode estar fazendo várias outras coisas com graus diferentes de atenção e de exigência afetiva.

Não é de se ignorar que este dramático fenômeno tem varrido para fora do espaço social o apressamento e a escolha prioritária pelo contato físico com o outro, porém, ***sem eliminar essa demanda real*** e necessária ao ser humano. **Demandas reais que não encontram uma digna e coerente satisfação afetiva serão muito mais difíceis de serem educadas e ordenadas a uma finalidade transcendente.** Em um exemplo concreto, um jovem poderia sentir como algo quase insuportável a orientação de seu formador de começar a lutar com fé e gestos concretos para superar a proximidade afetiva exagerada a uma outra pessoa, isso porque, o medo de não se sentir amado outra vez por alguém pode ser ainda muito forte. Outro exemplo: o formador que encontra grande resistência em seus

seminaristas quando orienta a diminuição do uso das redes sociais, isso porque, investir mais tempo e recursos afetivos sobre uma mesma relação para criar laços verdadeiros de afeto é muito mais difícil e exigente do que distribuí-los, segundo a emoção do momento, em várias relações menos exigentes como é o caso das relações virtuais.

*«... Exige-se que ele (o seminarista) interiorize, dia após dia, o espírito evangélico, graças a uma constante e pessoal relação de amizade com Cristo, até chegar a compartilhar os seus sentimentos e atitudes» (RFIS, 41).*

*«Tal configuração torna a relação com Cristo mais íntima e pessoal, e, ao mesmo tempo, favorece o conhecimento e a assunção da identidade sacerdotal» (RFIS, 68).*

Um jovem que chegue as portas dos nossos Seminários com vinte anos de idade já teve acesso a esse tipo de realidade por pelo menos dez anos. Se nunca houve algum tipo de orientação, formação, instruções práticas e acompanhamento, ***será muito difícil que em oito anos de formação seminarística seja logrado grandes êxitos nestas três áreas: no caminho de mudança de hábitos, conversão pessoal e lealdade ao projeto de vida sacerdotal.***

Por isso, como padres de um mesmo presbitério os senhores acompanham os jovens nas fronteiras dos espaços paroquiais, nas universidades, nos movimentos juvenis, nos confessionários, na direção espiritual e em tantas outras partes. **Precisamos abraçar este cuidado pastoral** marcado pelo diálogo, pela proximidade física, pelo anúncio claro e preciso da Doutrina da Igreja Católica, sem ambiguidades e confusões, levando ao coração dos jovens **o gosto por viver a moral cristã e por anunciar a nossa fé** mesmo que se pague um preço alto por isso.

Precisamos ganhar tempo! E cuidar o quanto antes de **acompanhar os jovens** em nossas paróquias, mas não só eles! Precisamos também partir com urgência para **acompanhar os jovens casais** que são filhos deste tempo marcado por tantas contradições, para que não façam seus filhos crescerem como **“abandonados afetivos”**, como **“desconhecidos em família”**. ***Esse cuidado pastoral tem um valor enorme na preparação dos futuros padres.***

*«Nesta relação íntima com o Senhor e na comunhão fraterna, os seminaristas/jovens serão acompanhados para que reconheçam e corrijam a “mundanidade espiritual”: a obsessão pela aparência, uma segurança doutrinal ou disciplinar presunçosa, o narcisismo e o autoritarismo, a pretensão de impor-se, o cuidado somente exterior e ostentado com a ação litúrgica, a vanglória, o individualismo, a incapacidade para escutar o outro, e todo o gênero de carreirismo» (RFIS, 42).*

### 3. Favorecer um crescimento forte e gradual:

O processo formativo seja na infância, seja na adolescência, ou juventude precisa ser gradual. Nas etapas de formação em um seminário não seria diferente.

Isso significa que **alguns elementos da formação constituem a base para outros**. Um seminarista que traga consigo uma grande fratura interior na relação com seus pais, pode, apesar disso, desenvolver um grande zelo pela liturgia e pelo cuidado com o espaço sagrado, mas continuar arrastando dentro de si uma enorme dificuldade em falar com Deus como a um Pai e de expor-se em seus verdadeiros sentimentos ao seu diretor espiritual. Valores tão elevados e essenciais na vida de um padre como a piedade litúrgica, a confiança em Deus, a transparência interior, a humildade, **podem vir a ser internalizados com certa ambiguidade ou distorção, ou até mesmo não serem internalizados e nem escolhidos com liberdade por causa de uma lacuna anterior e mais primitiva que não foi bem cuidada**.

Por isso, uma formação que se limita a ser um compilar de escrutínios protocolares não ajuda o crescimento de um seminarista no seu percurso discipular e configurativo a Cristo Jesus. Neste caso em concreto, se o formador se restringe a dizer que é exagerado o seu zelo pela liturgia ou que não se justifica porque ele não demonstra isso na vida de cada dia e ao final acreditar que isso tenha sido o suficiente para ajudá-lo a melhorar como pessoa seria uma ilusão. **Mais eficaz seria** auxiliá-lo a crescer na humildade diante das correções fraternas, a ponderar suas “críticas aos colegas” segundo a medida do evangelho, a estimulá-lo a falar mais de seus próprios sentimentos e menos de suas ideias. **Agir assim, exige tempo e esforço de ambos**. Porém, além de ser um bem real para o seminarista, o ajudará a encontrar um caminho para superar as marcas do seu passado e, ao mesmo tempo, trariam luzes para redescobrir o seu zelo pela liturgia com valores religiosos mais enriquecidos.

*«... é-se sempre “discípulo”, com a aspiração constante de “configurar-se” a Cristo, a fim de exercer o ministério pastoral. Trata-se, de fato, de dimensões constantemente presentes na caminhada de cada seminarista, dedicando-se maior atenção ora a uma ora a outra em diferentes momentos ao longo percurso do caminho formativo, sem jamais descuidar as restantes» (RFIS, 57).*

Esse mesmo conceito também é importante na hora de programar a nossa formação permanente. É oportuno que **os temas para a formação permanente tragam uma avaliação da situação real dos padres** para ajudar na hora de propor luzes aos desafios pessoais mais comuns e frequentes entre os clérigos, para que sejam feitas propostas realísticas de crescimento humano e espiritual para todos.

Vale recordar que traz sempre muitos frutos para a formação permanente **ouvir as sugestões temáticas daqueles sacerdotes que são tidos pelo clero como conhecidos diretores espirituais, confessores e amigos nas horas mais difíceis**. Para além de ideias e sugestões, esses padres podem contribuir com a sensibilidade de um coração sacerdotal que sabe ver e cuidar das dores e feridas de um outro sacerdote.



#### 4. Acompanhamento e discernimento:

A *Ratio Fundamentalis* repropõe como meio formativo fundamental o acompanhamento: cuidadoso e sistemático, pessoal e comunitário. Esse acompanhamento não se restringe a ação do diretor espiritual, mas corresponde também a função de todos os demais formadores e colaboradores da formação.

Em particular, no caso dos seminaristas, a frequência na direção espiritual e nos diálogos com os formadores, em hipótese alguma deve ser algo deixado ao encargo ou a iniciativa deles. É preciso assegurar-se que haja uma frequência e duração suficientes para que se consiga um conhecimento consistente a respeito da pessoa do seminarista e dos crescimentos vividos por ele. Esse estilo de acompanhamento exige um relacionamento dotado de **verdadeira confiança entre formadores e formandos** e, além disso, deve ser um serviço formativo **baseado no amor a verdade, no bem do outro e no bem da Igreja**.

Um **acompanhamento cuidadoso e sistemático** permite um **adequado discernimento vocacional**, e se fundamenta na atitude espiritual do seminarista que deve permanecer disposto a buscar a vontade de Deus nas atitudes concretas da vida quotidiana. Afinal, abrir-se a formação é um ato de humildade no reconhecer-se “fraco” e necessitado da Graça de Deus. O acompanhamento formativo ajuda o jovem seminarista a oferecer a Deus todos os dons recebidos dEle, para aprender a permanecer fiel a Ele no serviço a seus irmãos, pois será assim que deverá proceder por toda a sua vida no ministério.

Se durante o percurso de formação observar-se que não maturaram tais disposições interiores, o número 72 do documento “*O Dom da Vocação Presbiteral*” diz:

*«Em todo o caso, um acompanhamento adequado pode revelar que a chamada que um jovem pensava ter recebido, mesmo se eventualmente reconhecido no decurso da primeira etapa, não é, na realidade, uma vocação ao sacerdócio ministerial, ou então, que esta não foi adequadamente cultivada. Nesse caso, por própria iniciativa ou depois de uma competente intervenção por parte dos formadores, o seminarista deverá interromper o caminho formativo para a ordenação sacerdotal» (RFIS, 72).*

#### O PRESBÍTERO E AS VOCAÇÕES SACERDOTAIS

Por tudo o que foi visto até o presente momento, é possível deduzir uma conclusão: **todos os padres têm uma tarefa formativa** que desempenham como parte do próprio ministério, independentemente de serem membros da equipe formativa do Seminário. Por isso, precisamos assumir a responsabilidade não apenas em relação a promoção e cuidado pelas vocações sacerdotais e pelos seminaristas, mas também, em convocar o povo de Deus a participação.

Limito-me a sinalizar quatro âmbitos para o desenvolvimento dessa atitude formativa, e peço perdão se parecer repetitivo:

## 1. O exemplo sacerdotal, pessoal e comunitário:

Nós sacerdotes evangelizamos com nosso **exemplo de vida**. Não há dúvidas que a **vida de santidade sacerdotal é o meio mais eficaz de promoção vocacional** e se torna referência para os seminaristas e os demais sacerdotes mais jovens.

**Um padre que mantenha seu desejo e seus vivos esforços pela santidade cria ao redor de si uma cultura vocacional**, porque seu próprio comportamento é motivo de edificação para os demais. Evidentemente, o exemplo pessoal do sacerdote incide também sobre a vida e vocação dos leigos e religiosos consagrados que, além de se sentirem edificados espiritualmente, terão a necessária assistência sacramental e pastoral.

O exemplo de vida do sacerdote também é colegial e comunitário. **Um padre são é instrumento para o crescimento integral dos demais membros da comunidade cristã**, é uma **referência fundamental** para o surgimento de novas vocações sacerdotais.

*Como é forte o testemunho dos padres quando se respeitam e se admiram em palavras e entre eles existe correção fraterna e colaboração pastoral.*

## 2. O cuidado pelas vocações:

Todo padre está chamado a corresponder com o **cuidado por todas as vocações**, porque sua missão **é ajudar no crescimento da comunidade cristã** para que cada um de seus membros **viva a vocação específica que Deus desejou para eles**.

As vocações nascem nas paróquias, no complexo entrançado definido como “comunidade de comunidades”. Seu ministério concreto a ser desempenhado supõe: a escuta de uma preocupação, o acompanhamento, a orientação oportuna, o discernimento, a apresentação de um candidato ou candidata a uma casa de formação, o cuidado pelos seminaristas e formadores das comunidades paroquiais, a proximidade com suas famílias, divulgar as ordenações sacerdotais e profissões religiosas, etc.

O exemplo de vida e a atitude de serviço evangelizadora dos sacerdotes sempre precedem a sua ação pastoral. **Sua própria vida sacerdotal se constitui como um chamamento**. Corresponde a ele programar a pastoral vocacional na paróquia. Identificando e promovendo a formação dos agentes pastorais que podem “vocacionalizar” toda a ação pastoral e os diversos grupos ou comunidades da paróquia.

Corresponde também ao padre **animar a oração pelas vocações em toda a comunidade cristã** e dar a relevância que corresponde a Jornada Mundial de Oração pelas Vocações e as outras iniciativas similares diocesanas.

Como já mencionamos anteriormente, **compete a nós fazer que os valores sacerdotais sejam conhecidos e apresentados com dignidade**. Somos ainda os primeiros a detectar em tempo as vocações sacerdotais em nossas paróquias e acompanhá-las pessoalmente.

### 3. A relação com os seminaristas:

Na relação frequente dos presbíteros com os seminaristas entra em jogo sua **própria maturidade** humana, cristã e sacerdotal. Convém que o padre seja consciente de que é molde de vocação para o seminarista e por isso tenha a intenção de oferecer-lhe um bom exemplo em tudo.

*«O Clero da Igreja particular esteja em comunhão e em sintonia profunda com o Bispo diocesano, partilhando da sua solicitude pela formação dos candidatos, através da oração, do afeto sincero, do amparo e das visitas ao Seminário. Cada presbítero deve ser consciente da própria responsabilidade formativa em relação aos seminaristas; em modo particular, os párocos e, em geral, todos os sacerdotes que acolhem seminaristas para o tirocínio pastoral, colaborem generosamente com a comunidade dos formadores do Seminário através de um diálogo franco e concreto. As modalidades práticas para levar a cabo a colaboração dos presbíteros com o Seminário poderão variar segundo as diversas etapas do processo formativo» (RFIS, 129).*

Seria interessante considerar algumas ocasiões em que os sacerdotes interagem com os seminaristas:

O cuidado com os seminaristas tem uma particular importância. As vezes **não somos conscientes da influência que a realidade pessoal pode exercer no ânimo de um candidato ao sacerdócio**. Do mesmo modo em relação ao cuidado com as famílias dos seminaristas e dos companheiros de presbitério.

É conveniente recordar que **um ministério edificante não se improvisa**; é resultado de uma vida sacerdotal bem engajada em seu papel ministerial, que assumiu sua paternidade espiritual e se posicionou diante de seus seminaristas com uma identidade sacerdotal clara.

No cuidado com os seminaristas é conveniente aumentar a **prudência em relação ao vínculo afetivo e ao dinheiro**: 1. **Em relação aos afetos**, deve-se evitar que se estabeleça uma relação de dependência afetiva ou de proximidade exagerada; 2. **Em relação ao dinheiro** e bens materiais, no caso de uma ajuda econômica, seja da parte do sacerdote ou de paroquianos benfeitores, faça-se preferencialmente através do economato do seminário. Qualquer ajuda pessoal deve ser transparente e conhecida pela equipe de formadores.

Também são relevantes as ocasiões em que o sacerdote **recebe seminaristas** em sua paróquia, seja momentaneamente ou para estágio pastoral. Nessas ocasiões a vida pessoal do sacerdote permanece exposta, suas relações, seu estilo pastoral, seu espaço quotidiano, seus horários e costumes. Assegurando-se a **devida naturalidade e transparência de vida, pode favorecer e ajudar a formação do seminarista**.

Quando um sacerdote fica encarregado por acompanhar um seminarista **em seu estágio pastoral**, a relação adquire a qualidade de acompanhamento formativo semelhante ao que se tem no Seminário e cujo parecer precisa ser transmitido ao Reitor.

A responsabilidade do pároco é ainda maior quando se trata **de acompanhar um já candidato às Ordens Sacras**, ou seja, durante aquela etapa que a *Ratio Fundamentalis* chama de “síntese vocacional ou pastoral”.

*«Geralmente, esta etapa realiza-se fora das instalações do Seminário, pelo menos por uma considerável parte de tempo. Este período, que por norma é vivido no serviço a uma comunidade, pode incidir significativamente sobre a personalidade do candidato. Recomenda-se, portanto, que o pároco, ou outro responsável pela realidade pastoral que acolhe o seminarista, sejam conscientes da tarefa formativa na qual são investidos, e acompanhem-no na sua gradual inserção» (RFIS, 75).*

## CONCLUSÃO

Durante esta exposição caminhamos através de distintos argumentos que foram selecionados procurando favorecer uma tomada de consciência da grandeza e importância que tem o testemunho de vida dos padres em relação as novas vocações sacerdotais, tanto no plano pessoal como fraterno. **Um sacerdote fiel, promove a cultura vocacional, e um presbitério harmônico a promove ainda mais eficazmente.**

Portanto, não é o bastante manter apenas uma boa estrutura de formação inicial. É necessário um bom cuidado pastoral daqueles que já foram ordenados. Não se espera que sejamos indefectíveis, mas que nos coloquemos **em caminho pela santidade e perfeição de vida**, no amor por Cristo, com Cristo e em Cristo, **cultivando autênticos desejos e atos de santidade como propôs o próprio Senhor Jesus** a seus discípulos.

Quero concluir citando o n. 82 da do documento “*O Dom da Vocação Presbiteral*”, porque os seus dois parágrafos parecem resumir o conteúdo do nosso trabalho desta manhã.

*«É importante que os fiéis possam encontrar sacerdotes adequadamente maduros e formados: de fato, a este dever «corresponde um preciso direito dos fiéis sobre os quais recaem positivamente os efeitos da boa formação e da santidade dos sacerdotes»<sup>1</sup>. A formação permanente deve ser concreta, isto é, encarnada na realidade presbiteral, de maneira a que todos os presbíteros possam efetivamente assumi-la, atendendo a que o primeiro e principal responsável pela formação permanente é o próprio sacerdote.*

*O primeiro âmbito em que se desenvolve a formação permanente é a fraternidade presbiteral. É desejável que esta formação seja promovida em cada diocese por um presbítero ou por um grupo de presbíteros, formados de maneira específica e oficialmente encarregados de promover um serviço de formação permanente, tendo em conta as faixas etárias e as circunstâncias particulares de cada irmão».*

**✠ Jorge Carlos Patrón Wong**  
Arcebispo-bispo Emérito de Papantla  
Secretário para os Seminários

---

<sup>1</sup> Cf. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, n. 87.